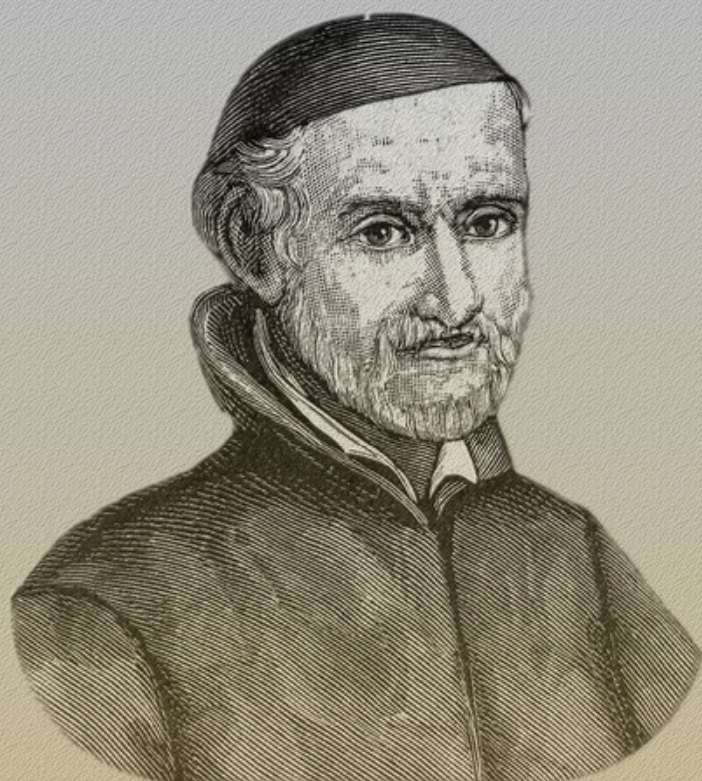


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Padre Antônio Vieira
*Sermão de Santa Teresa
e do Santíssimo Sacramento*



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Padre Antônio Vieira

Sermão de Santa Teresa

e do Santíssimo Sacramento

**Antônio Vieira
(1608 – 1697)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 749



Poeteiro Editor Digital
PROJETO LIVRO LIVRE
São Paulo - 2016
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do Padre Antônio Vieira: “*Sermão de Santa Teresa e do Santíssimo Sacramento*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

SERMÃO DE SANTA TERESA E DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO



Simile factum est regnum caelorum homini regi, qui fecit nuptias filio suo. Et misit servos suos vocare invitatos. Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus. Simile est regnum caelorum decem virginibus, quae accipientes lampadas suas exierunt obviam sponso et sponsae.

CAPÍTULO 1

Em um dia em que se nos propõem três Evangelhos, não é muito que preguemos sobre três temas. O primeiro Evangelho é da Dominga corrente, que canta hoje a Igreja universal. O segundo é do Diviníssimo Sacramento, pela devoção particular desta casa. O terceiro é o comum das Virgens, em memória da gloriosa Virgem, mãe de tantas e tão santas, a Santa Madre Teresa de Jesus, cuja solenidade também concorre e se celebra aqui hoje.

Começando pois pelo primeiro Evangelho — que, como mais universal e mais próprio deste dia, é bem que seja o que nos abra o caminho, e dê fundamento a tudo — diz nele e ensina em parábola o divino Mestre que o reino do céu é semelhante a um homem rei: *Simile factum est regnum caelorum homini regi* (Mt. 22, 2). Não há duas coisas tão parecidas no mundo como o rei e o reino. Os reis são os espelhos a que se compõem os vassallos, e tais serão as ações do reino, quais forem as inclinações do rei. Não fala Cristo de qualquer reino, nem de qualquer rei, senão do reino do céu, e de um rei homem, porque se o rei for humano será o reino bem-aventurado, e se o rei for homem tão seguro estará o reino da terra como o do céu. Este rei, diz o Senhor que celebrou com grandes festas o casamento do príncipe seu filho: *Qui fecit nuptias filio suo*, e nisto mostrou também que era rei homem, porque não descuidar da sucessão é reconhecer a mortalidade. Chegado o dia das bodas, mandou alguns criados que fossem chamar os convidados para o banquete, e diz o texto sagrado uma coisa que parece incrível, e é que eles não quiseram vir: *Et nolebant venire* (Mt. 22, 3). Se o rei os chamara para a guerra, escusa tinha a ingratidão na fraqueza e temor natural; mas para as bodas e para o banquete, não virem? Mais abaixo diz o mesmo Evangelho que mandou o rei os seus soldados, e foram; agora chamou os seus convidados, e não vieram. Eu lhes perdô a descortesia pelo exemplo.

Se os vassallos hão de faltar ao príncipe, antes seja na mesa que na campanha. Vendo o rei que os convidados não queriam vir, mandou segundo recado, mas por outros criados, e não pelos mesmos: *Misit alios servos* (Ibid. 4). Não é nova razão de estado nos reis, para melhorar vontades, mudar ministros. Mas a razão que aqui teve o rei, a meu ver, foi ainda mais fácil e mais achada. Mandou a segunda vez outros criados, porque é bem que se reparta o trabalho, e que vão todos. Se os segundos descansaram enquanto foram os primeiros, bem é que descansem os primeiros, e que vão agora os segundos. Assim que, mudar o rei os criados não é condenar os talentos: é repartir os trabalhos. Se os primeiros tiveram ruim sucesso, não o tiveram melhor os segundos, que nem sempre com a mudança se consegue a melhoria. Os primeiros acharam más vontades: *Nolebant venire*; os segundos experimentaram más obras: *Occiderunt eos*. Quer dizer que foram tão descomedidos alguns dos convidados que não só afrontaram de palavra aos criados do rei, mas chegaram a lhes pôr as mãos e tirar as vidas. Há maior ingratidão? Há maior descortesia? Há maior atrevimento de vassallos? Que faria o rei neste caso? Diz o texto que mandou logo seus exércitos a executar um exemplar castigo; não só nas pessoas ou corpos dos rebeldes, senão na mesma cidade onde viviam, da qual não ficaram mais que as cinzas, para memória ou esquecimento eterno de tal ousadia. Assim o fez o rei, e assim o hão de fazer os reis. Quem hoje se atreveu ao criado, amanhã se atreverá ao senhor. Ocupou os seus exércitos em arrasar as cidades próprias, quando parece que fora mais conveniente conquistar as alheias, porque não são tão danosas as hostilidades dos inimigos, como os atrevimentos nos vassallos. Melhor é ter menos cidades, e mais obedientes. Por isso lhe chamou o Evangelho cidade sua, deles, e não do rei: *Civitatem illorum* (Mt. 22, 7). Cidade que se atreve contra os ministros do rei, não é cidade do rei, é cidade livre, e liberdades não as hão de sofrer as coroas. Se os criados ofenderam aos convidados, queixem-se, que para isso tem o rei ouvidos; mas presumir violências e executá-las? Não há, nem é bem que haja em tal caso sofrimento nos reis, senão ira e fogo: *Iratus est, et civitatem illorum succendit*. Tão rigoroso se mostrou no exterior como rei, mas como homem, lá por dentro lhe ficou a dor e o sentimento: *Perdidit homicidas illos*. Notai os termos. A palavra *perdidit* quer dizer matar e perder, porque de tal maneira castigava, que considerava o que perdia. Matar um homicida é perder um homem: *Perdidit homicidas illos*. Executado assim, ou mandado executar, o castigo, voltou-se o rei para os criados, e disse-lhes: *Qui invitati erant, non fuerunt digni* (Ibid. 2): Os que foram convidados não eram dignos. — Pois agora, Senhor? Não fora melhor conhecê-los antes de os convidar, que convidá-los antes de os conhecer? Eis aqui o maior mal e a maior consolação que tem o mundo. Serem os indignos os convidados é o maior mal; serem os beneméritos os excluídos é a maior consolação. Vendo o rei que não queriam vir os que convidara, tornou-se aos que tinha enjeitado, e foram eles tão honrados, que todos vieram. Não introduziria Cristo na sua parábola esta diferença, se não fora o que nas suas eleições costumam experimentar os príncipes. Os seus escolhidos são aqueles que na ocasião não

querem vir, e os seus enjeitados os que na ocasião vêm todos. Chamaram os criados, diz o texto, todos os que acharam pelas ruas: *Et impletæ sunt nuptiæ discumbentum* (Ibid. 10): E ficaram cheias as mesas. — Quantos andam desfavorecidos por essas ruas, que haviam de encher muito bem o seu lugar, se os chamaram? Enfim o rei entrou na sala onde comiam os convidados, e foi esta a melhor iguaria que veio à mesa: os olhos do rei. Viu um, entre os demais, que não estava vestido de gala, e não só o mandou lançar fora, mas que, atado de pés e mãos, o metessem no cárcere mais escuro. Tão grande delito é não festejar o que os príncipes festejam. Mas, dado que este não fizesse o que devia, o que eu muito pondero é que de todos os convidados nenhum foi bom, e de todos os excluídos só um foi mau. Antes de entrarem às bodas eram bons e maus: *Congregaverunt omnes quos invenerunt, malos et bonos*. E depois de entrarem, tirando um, todos foram bons, porque a melhor arte de fazer bons é admiti-los: o desprezo a ninguém melhorou; a honra a muitos.

Esta é a parábola do Evangelho, tão parecida com a história dos nossos tempos, que por isso lhe ajuntei doutrina não imprópria deles. Vindo, porém, ao intento da nossa festa, ou festas, duas coisas acho menos neste Evangelho. Falados desposórios do príncipe e do banquete do rei, mas nem nos desposórios nos diz quem foi a esposa, nem no banquete nos declara quais fossem as iguarias. Por isso tomei de socorro os outros dois Evangelhos. O Evangelho das Virgens nos diz que esposa é Santa Teresa: *Exierunt obviam sponso et sponsæ*; o Evangelho do Sacramento nos declara que as iguarias são o Corpo e Sangue de Cristo: *Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus*. Suposto pois que a santa e o Santíssimo são as duas partes da nossa festa, para que com o mesmo discurso satisfaçamos a ambas as obrigações, será hoje o meu assunto este: que os maiores favores que Cristo fez a Santa Teresa são os mesmos que faz no Sacramento aos que dignamente comungam. Para igualar tamanhas graças é necessário muita graça. Ave Maria.

CAPÍTULO 2

Sendo tão singulares os favores em que o amor de Cristo se extremou com Santa Teresa que, não juntos, mas divididos, apenas se lhes acha paralelo entre os outros santos, maior empenho tomei do que porventura se imagina, quando prometi mostrar que os mesmos recebem invisivelmente de Cristo os que dignamente o recebem no Sacramento. E por que não pareça que fujo à dificuldade de tamanho assunto, antes o quero encarecer e subir de ponto, para mais excitar a nossa devoção e agradecimento, entre todos os favores e finezas com que o amorosíssimo Senhor singularizou esta grande santa — pois não é possível ponderar todos — escolherei os mais notáveis.

O primeiro, pois, e mais visível, que se me oferece, é quando o mesmo Cristo, em presença da Virgem Santíssima e de São José deu a mão de Esposo a Teresa. Os desposórios que se fazem com aprovação dos pais são mais qualificados, e para que esta circunstância de gosto não faltasse onde não podia faltar o acerto, desposou-se Jesus com Teresa em presença de José e Maria. E que vieram a ser estes desposórios? O mesmo Senhor o disse: — Daqui em diante eu serei todo teu, e tu toda minha. — De sorte que foi uma entrega de ambos os corações total e recíproca, com que não só Teresa ficou Teresa de Jesus, senão também Jesus, Jesus de Teresa. Ainda aquele de é supérfluo, porque ser um de outro distingue dois sujeitos, e a união entre Jesus e Teresa foi tão íntima que, passando de união a unidade, já Teresa e Jesus não eram dois e distintos, senão um só e o mesmo. Vejamos isso em um excelente retrato feito pela mão do mesmo Esposo.

Criou Deus a Adão e Eva, e diz assim o texto sagrado: *Masculum et feminam creavit eos, et vocavit nomen eorum Adam* (Gên. 5, 2): Fê-los Deus homem e mulher, e deu por nome a ambos Adão. — Pois, se Adão e Eva eram duas criaturas e dois sujeitos distintos: *Masculum et feminam creavit eos* — por que lhes não deu Deus dois nomes também distintos, senão um só e o mesmo, e não outro, senão o de Adão: *Et vocavit nomen eorum Adam*? Porque a Adão e a Eva desposou-os Deus na maior perfeição da natureza; e posto que, por força da criação, eram dois, por virtude do matrimônio ficaram um. Antes que Deus formasse a Eva, não havia mais que Adão; depois que da costa de Adão formou a Eva, dividiu-se Adão, e o que era um só sujeito ficaram dois; mas tanto que Adão deu a mão de esposo a Eva, tornaram esses dois sujeitos a reunir-se, e os que eram dois e distintos ficaram um só e o mesmo. Por isso lhes deu Deus um só nome, e não outro, senão o de Adão: *Et vocavit nomen eorum Adam*. Isto foi o que foi. E o que significava, que era? São Paulo: *Sacramentum hoc magnum est: Ego autem dico in Christo et in Ecclesia*. Tudo isto que passou entre Adão e Eva foi um grande mistério, porque na união daquele matrimônio debuxou Deus, como em figura original, o que depois se havia de verificar na Igreja entre os desposórios de Cristo com as almas santas. Que Adão foi logo este, senão Jesus, e que Eva, senão Teresa? Antes deste divino desposório Teresa era Teresa de Jesus, e Teresa e Jesus dois sujeitos com dois nomes distintos; porém, depois que Jesus deu a mão de esposo a Teresa, o nome Teresa de Jesus perdeu a distinção daquele de, e ficou Teresa Jesus. A que depois se chamou Sara, chamava-se dantes Sarai, e diminuiu-lhe Deus o nome para lhe acrescentar a dignidade. Assim também a Teresa de Jesus. Tirou-lhe aquele de, que distinguia a Jesus de Teresa, e ficou somente Teresa de Jesus, porque, transformado Jesus em Teresa, e Teresa em Jesus, já não eram dois nomes nem dois sujeitos, senão um só e o mesmo. Adão e Eva, Adão; Teresa e Jesus, Jesus. Vamos ao Evangelho.

No princípio do Evangelho das Virgens diz o texto que todas dez saíram a receber o esposo e a esposa: *Exierunt obviam sponso et sponsae*. E no fim do mesmo Evangelho diz que as cinco prudentes entraram com o esposo às bodas: *Intraverunt cum eo ad nuptias* (Mt. 25, 10). De maneira que, quando saíram, receberam o esposo e a esposa; mas quando entraram só se diz que acompanharam o esposo: *Intraverunt cum eo*. A esposa claro está que não havia de ficar de fora. Pois, se quando as virgens entraram acompanharam a ambos, assim como quando saíram receberam a ambos, por que razão quando saíram ao recebimento se faz menção do esposo e da esposa, e quando entraram às bodas só se nomeia o esposo, e a esposa não: *Intraverunt cum eo ad nuptias*? Excelentemente Santo Hilário: *Sponso tantum obviam proceditur, jam enim erunt ambo unum*. Não há dúvida que entraram às bodas o esposo e mais a esposa; mas esse mesmo esposo e essa mesma esposa, que antes de entrar às bodas tinham sido dois, depois de entrar às bodas já eram um só: *Jam enim erunt ambo unum*. E porque já eram um, e não dois, por isso se fez menção do esposo somente, e não da esposa: *Intraverunt cum eo*. Assim, nem mais nem menos, nos divinos desposórios de Jesus com Teresa, antes de se darem as mãos, Jesus e Teresa distinguiam-se, e eram dois; porém, depois de celebradas as bodas, já ambos eram um só: *Jam ambo erunt unum*; já não havia Teresa e Jesus, senão só Jesus: *Intraverunt cum eo*.

Quem nos poderá declarar a força e verdade desta união, senão quem a experimentou em si, a mesma Santa Teresa? Dizia Teresa de si que estava tão individualmente unida com Jesus, seu esposo, que podia dizer com São Paulo: — Vivo eu, já não eu, porque vive em mim Cristo: — Oh! que divina implicação: Eu não eu! Se sois vós, como não sois vós? Sou eu considerada em Cristo; não sou eu considerada em mim. Considerada em Cristo, sou eu, porque Cristo vive em mim e considerada em mim, não sou eu, porque eu vivo em Cristo. Outra vez, falando com o mesmo Cristo, lhe disse: — Senhor, que se me dá a mim de mim sem vós? Porque eu sem vós não sou eu, e de mim que não sou eu, que se me dá a mim? De sorte que estavam tão transformados estes dois corações que, reciprocando as vidas, viviam um no outro, e tão unidos na mesma transformação que, deixando cada um de ser outro, eram um só e o mesmo: *ambo unum*.

Da alma santa disse o Esposo divino, que lhe ferira o seu coração, e que lho tirara: que lho ferira: *Vulnerasti cor meum*, como diz o texto latino; que lho tirara: *Abstulisti mihi cor*, como diz o hebraico. O mesmo sucedeu a Teresa com o seu coração. Apareceu-lhe, estando em êxtase, um serafim com uma seta de ouro afogueada. E que fez? Metendo-lhe a seta no peito, com a ponta feriu-lhe o coração: *Vulnerasti cor meum* — e, tornando a tirar a seta, com as farpas levou-lhe o coração: *Abstulisti mihi cor*. Temos a Teresa sem coração, e, sem coração, como há de viver? Sem coração, como há de amar? Antes, para melhor viver, e para melhor amar, lhe tirou seu Esposo o coração. O coração é o

princípio da vida, e onde ambos viviam com a mesma vida sobejava um coração: por isso Iho tirou Cristo. E também Iho tirou para que melhor amasse, amando-se ambos com um, e não com dois corações. Não há exemplo na terra: no céu sim, e o mais perfeito. O mais perfeito amor que há nem pode haver é o das três Pessoas divinas. Ama o Padre ao Filho, ama o Filho ao Padre, ama o Padre e o Filho ao Espírito Santo, ama o Espírito Santo ao Padre e ao Filho, e, sendo os amantes três, a vontade com que se amam é uma só; e assim como ali há três amantes com uma só vontade, assim cá se amavam os dois com um só coração. Oh! que perfeito! Oh! que divino! Oh! que ditoso modo de amar! Amar com igualdade no amor, porque o mesmo coração é o que ama, e amar sem dúvida na correspondência, porque o mesmo coração é o que corresponde: antes o mesmo amor em unidade recíproca é amor e correspondência juntamente, porque não podiam os amores ser dois, quando os amantes se tinham transformado em um: *Et jam erunt ambo unum*.

Não vos parece grande extremo de fineza, não vos parece grande excesso de favor este de Cristo para com Teresa? Pois a mesma fineza usa o mesmo Cristo, e o mesmo favor faz aos que dignamente comungam. No Evangelho do Sacramento temos a prova. Porque, assim como com o Evangelho das Virgens provamos tudo o que temos dito, e provaremos tudo o que dissermos de Cristo em respeito de Santa Teresa, assim com o Evangelho do Sacramento provaremos também quanto houvermos de dizer do mesmo Cristo em respeito de nós e dos que comungam dignamente.

Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus. A primeira coisa que Cristo Senhor nosso nos certifica neste Evangelho é ser verdadeira comida o seu corpo, e verdadeira bebida o seu sangue. Onde se deve muito notar que não faz a força do que quer persuadir em ser verdadeiramente seu corpo o que se nos dá debaixo das espécies de pão, nem em ser verdadeiramente seu sangue o que se consagra debaixo das espécies do vinho, senão em que esse corpo e esse sangue é verdadeiramente mantimento nosso. E por que razão? Porque é propriedade e natureza geral de todo o mantimento converter-se na substância de quem o come; e como Cristo só neste Sacramento assiste real e presencialmente, e nos outros não, por isso também só neste se nos quis dar em forma de mantimento, para que entendêssemos que o fim de o instituir não só fora para nos comunicar sua graça, como nos outros sacramentos, senão para se unir a si mesmo conosco, e a nós consigo. O mesmo Senhor se declarou e o disse logo: *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo*. Sabeis por que digo que o meu corpo é verdadeira comida, e o meu sangue verdadeira bebida? Porque, assim como o mantimento se converte na substância de quem o come, assim eu me quero transformar em vós, e vós em mim: de modo que vós, comungando, fiqueis em mim, e eu, sendo comungado, em vós: *In me manet, et ego in illo*. E porque nesta união e transformação de dois que somos, se há de fazer um só, este um qual há de ser?

Não haveis de ser vós, senão eu — diz o mesmo Cristo. — E assim continua o texto Santo Agostinho: *Nec tu me mutabis in te, sicut cibum carnis tuae, sed tu mutaberis in me*. De sorte que, assim como nos desposórios de Cristo com Teresa, de dois que eram, se transformaram em um só, e este um, depois de transformados, não era principalmente Teresa, senão Cristo que nela vivia: *Vivit vero in me Christus* (Gal. 2, 20), assim na transformação do Sacramento, o que dignamente comunga, de tal modo fica unido e identificado com Cristo, que Cristo é o que nele vive.

O mesmo Evangelho o diz, e com o mesmo exemplo das Pessoas da Santíssima Trindade, com que declarei a união ou unidade do coração de Cristo com Teresa: *Sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Pater: et qui manducat me, et ipse vivet propter me* (Jo. 6, 58): Assim como eu vivo pela vida de meu Padre, que me mandou ao mundo, assim quem me comunga verdadeiramente não vive pela sua vida, senão pela minha. — Grande caso é que, querendo a sabedoria encarnada declarar o que tinha dito com algum exemplo, não achasse outro mais adequado e mais próprio que o da unidade e vida recíproca que há entre o mesmo Cristo e seu Eterno Padre: *Vivit ergo per Patrem* — comenta Santo Hilário — *et quomodo per Patrem vivit, eodem modo nos per carnem ejus vivemus*: Assim como entre o Padre e o Filho, enquanto Deus, há uma só vida, porque o Padre vive no Filho e o Filho no Padre, e um vive pela vida do outro, assim entre Cristo e o que comunga, posto que sejam dois, a vida é e há de ser uma só, e não outra, senão a do mesmo Cristo: *Et ipse vivet propter me*. Vejam agora os que comungam se a vida que vivem é a sua ou a de Cristo, e daqui julgarão, pelos efeitos, se comungam como devem ou não.

CAPÍTULO 3

O segundo favor, e mais extraordinário ainda, que Santa Teresa recebeu de seu Divino Esposo, foi que entre outras finezas lhe disse estas palavras: — Teresa, se eu não tivera criado o céu, só por amor de ti o criara. — De nenhum outro santo se lê semelhante favor. Houve-se Cristo com Santa Teresa como Santo Agostinho com Deus, para encarecer o seu amor. Se eu fora Deus, e vós não — diz Agostinho — deixara eu de o ser, para que vós o fosseis. Muito tem de excessivo o amor que para se poder declarar finge suposições impossíveis. Mas isto fez um coração, posto que tão entendido, humano. Porém Cristo, que pode tudo, e com tão singulares e esquisitas demonstrações tinha manifestado a Teresa o seu amor, que invente casos condicionais, e suponha o que já foi, como se não fora, e o que já não podia ser, como se fosse possível, para assim declarar quanto ama? A sabedoria de Cristo é igual à sua onipotência, e a sua onipotência à sua sabedoria; e que o amor do mesmo Cristo signifique a Teresa que sabe mais desejar do que pode fazer, e não diga o que fará por ela, senão o que faria? Ora eu, considerando este caso que supôs Cristo, e um voto que fez

Santa Teresa, entendo que se achou Cristo como alcançado, e que se não pôde desempenhar daquele voto senão com esta suposição. O voto que fez Santa Teresa foi de sempre fazer o que fosse melhor; e como a melhor coisa que Deus podia fazer é o céu e a bem-aventurança, que já estava feita, disse que, se não tivera feito o céu, só por amor de Teresa o fizera. Se o amor de Teresa se obriga por mim a fazer sempre o melhor, como posso eu pagar este amor, senão fazendo também o melhor por Teresa? Mas este melhor já está feito? Pois saiba ao menos Teresa de mim que, se não tivera feito o céu, só por amor dela o fizera. E sendo assim que Cristo fez o céu por amor de todos os predestinados, parece que pesa tanto no conceito e estimação do mesmo Cristo o amor de Teresa só, como o de todos os predestinados juntos.

Uma das coisas mais notáveis que escreveu São Paulo foi esta: *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere, quorum primus ego sum* (1 Tim. 1, 15): Cristo Jesus veio a este mundo salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. — São Paulo não foi o primeiro pecador na antiguidade, porque esse foi Adão; nem foi o primeiro na grandeza e multidão dos pecados, porque houve outros pecadores maiores, e eles mesmo confessa, neste lugar, que pecou por ignorância: *Quia ignorans feci*. Pois donde infere São Paulo que foi o primeiro e maior pecador de todos: *Quorum primus ego sum?* Nas palavras antecedentes está a premissa desta ilação; *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere*: Cristo veio do céu a este mundo para salvar os pecadores, — e o mesmo Cristo veio também do céu a este mundo, para me salvar só a mim. Logo, no conceito e estimação de Cristo, infere Paulo, tanto pesa a graveza dos meus pecados, como os de todo o mundo. A mesma ilação faço eu. Assim como São Paulo, para encarecer a graveza de seus pecados, ponderou que fizera Deus só por ele o que tinha feito por todo o mundo, assim Cristo, para encarecer a grandeza do seu amor, disse que faria por Teresa o que tinha feito por todos os predestinados. E assim como Cristo, só por amor de Paulo desceu do céu, como tinha descido por amor de todo o mundo, assim Cristo, só por amor de Teresa criaria o céu, se por amor de todos os predestinados o não tivera criado. Oh! grande amor! Oh! excessivo encarecimento! Que no conceito de Cristo, que não lisonjeia, pese tanto o amor de Teresa como o de todos! Vamos outra vez ao Evangelho.

É semelhante o reino do céu a dez virgens, cinco prudentes e cinco néscias, diz Cristo nesta parábola. E, por ser parábola, faz não pequena dificuldade a igualdade destes números. O autor que faz ou inventa uma parábola, assim como tem liberdade para a dispor e historiar como lhe importa a seu intento, assim tem também obrigação de a deduzir em termos prováveis, e àquilo que é verossímil e costuma acontecer comumente. Suposto isto, parece que não haviam de ser tantas as prudentes como as néscias. Não andara mal governado, nem fora tão louco o mundo, se de cada dez mulheres se pagara o dízimo à prudência. Homens eram aqueles dez leprosos que Cristo sarou, e porque só um

Ihe veio dar as graças, perguntou onde estavam os nove: *Et novem ubi sunt* (Lc. 17, 17)? E se em dez homens se acham nove ingratos, como não seria mais verossímil que em dez mulheres se achassem nove néscias? Não há dúvida que segundo a condição humana este número era o mais próprio, e também segundo o intento de Cristo, que era a consideração dos muitos que se condenam. Pois por que não introduz o divino Mestre nesta parábola nove virgens que fossem néscias, e uma só que fosse prudente? Porque assim como as néscias, que ficaram de fora, significam as almas que se condenam, assim as prudentes, que entraram às bodas, representam as que se salvam e vão ao céu. E no caso em que se introduzisse uma só prudente, não era nem podia ser verossímil que Cristo fizesse o céu para uma só. Por isso, fazendo a história menos verossímil, para que fosse mais verossímil a significação, não introduziu nela uma só prudente, senão muitas: *Et quinque prudentes* (Mt. 25, 2). Não sendo porém verossímil, ainda na ficção de uma parábola, que Cristo houvesse de criar o céu para uma só alma, era tal a alma de Teresa, e tal o extremo com que o mesmo Senhor a amava, que, no caso e suposição em que não tivesse criado o céu, é verdade certa e infalível que só por amor dela o criaria. E se quereis ver pintada esta mesma figura retórica do amor de Cristo, vamos ao Apocalipse.

Viu São João aquela misteriosa mulher tão celebrada, a quem coroavam as estrelas, vestia o sol e calçava a lua. E conforme a exposição de São Boaventura, Ruperto, Vitorino, Hugo, Alberto Magno e outros, os quais entendem por esta mulher uma alma superiormente alumada por Deus e adornada de celestiais virtudes, a que alma se pode aplicar com maior razão esta prodigiosa e admirável figura que à de Santa Teresa, em cujo espírito sublime e elevado depositou a liberalidade divina tantos dotes e prerrogativas de perfeição, como se lê em sua vida, e tantos resplendores de ardentíssima luz, como se admiram e sentem em seus escritos? São Francisco de Borja, sendo um dos examinadores do espírito de Santa Teresa, o primeiro testemunho que deu foi que era *una gran mujer*. Digo pois que Santa Teresa foi a grande mulher que São João viu no Apocalipse, e o provo da mesma visão.

Diz o texto que aquela mulher tinha concebido um filho de sexo e valor masculino, o qual havia de governar o mundo com vara de ferro, e ser arrebatado ao céu; e que o parto deste filho lhe custou grandes trabalhos e dores, porque lhe saiu ao encontro um dragão de muitas cabeças coroadas, que o queria tragar. O autor da história profética carmelitana diz que este filho há de ser Elias no fim do mundo; e eu, com bem diferente pensamento e exposição, também reconheço nele a Elias, mas não que há de ser, senão que já foi, e não como filho da Igreja universal, senão como parto singular de Santa Teresa. Ora vede. Que Elias fosse de sexo e valor masculino: *Peperit filium masculum*, bem se viu na resolução e constância de todas suas ações contra grandes e pequenos, e muito mais contra os grandes. Se governou as gentes

com vara de ferro, diga-o el-rei Acab, a rainha Jesabel, el-rei Ocosias, os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, que degolou em um dia, as duas companhias de soldados e seus capitães, que queimou com fogo do céu, e o mesmo céu, que teve fechado três anos sem chover, como se fosse de bronze. Finalmente que fosse arrebatado ao céu: *Et raptus est ad Deum et ad thronum* — assim o viu arrebatado subitamente e desaparecer de seus olhos seu discípulo Eliseu. Tinha, pois, fundado Elias no Monte Carmelo uma religião de tanta severidade, rigor e aspereza, qual era a de seu fundador; tinham-se passado oitocentos anos antes de Cristo, e depois de Cristo mais de mil e quinhentos, em que o tempo e as variedades dele, ou tinham enfraquecido a tolerância, ou moderado a austeridade daquele primitivo instituto, quando Teresa, revestida do espírito dobrado do mesmo Elias, o concebeu dentro em si mesma, não para que ressuscitasse, porque não morrera, mas para que outra vez nascesse, e não só em mulheres, sendo ela mulher, senão também nos homens. Julgou o mundo esta empresa por impossível, e dizia com Nicodemos que Elias era muito velho para tornar ao ventre da mãe e nascer de novo: *Quomodo potest homo nasci cum sit senex? Nunquid potest in ventrem matris suae iterato introire, et renasci?* Porém a santa Madre — que desde então o começou a ser — assim como segunda vez tinha concebido a Elias, assim o pariu segunda vez, e o mostrou ao mundo incrédulo felizmente renascido: *Peperit filium masculum*. E quantas dores lhe custasse este prodigioso parto e a novidade dele, diz a grandes vozes o mesmo texto: *Clamabat parturiens, et cruciabatur, ut pareret*. Que trabalhos, que contradições, que perseguições, que murmurações, que descréditos e falsos testemunhos padeceu aquele sublime e constante espírito, sendo movedor de todas o dragão infernal, multiplicado, com grande propriedade do mesmo texto, em muitas cabeças, e estas coroadas, porque apenas houve coroa, não só profana, mas sagrada — e ainda muitas regulares — que não impugnasse fortemente, e trabalhasse por abortar este glorioso parto. Enfim venceu Teresa, e para distinção do novo e primitivo instituto, descalçou-se como Elias, e assim apareceu, se bem advertirdes, na mesma figura do céu que a representava. As alparcas de Santa Teresa, como invenção do céu, de tal modo descalçam os pés, que os não deixam tocar a terra. São uma sorte de meio calçado, não para calçar ou cobrir os pés, mas para se trazer debaixo deles. E disto mesmo servia a lua à mulher que viu São João. Dizemos comumente — como eu acima disse — que estava calçada da lua, e não dizemos bem. Se estivera calçada, havia de ter os pés cobertos da lua; mas ela não tinha os pés cobertos da lua, senão a lua debaixo dos pés: *Et luna sub pedibus ejus* (Apc. 12, 1). Assim representava a lua as alparcas de Teresa, e assim apareceu Teresa descalça no céu, não já como filha que tinha sido, senão como nova mãe do primitivo Elias: mãe e filha de seu próprio pai, como a Virgem das virgens.

Provado pois com todas as propriedades do texto quem fosse a mulher misteriosa que viu São João, o que agora reparo, e muito se deve notar, é que

aquela mesma mulher enchia e ocupava todo o céu e todos os céus. Com os pés estava no céu da lua, que é o primeiro; com o corpo passava pelo céu do sol, que é o quarto; com a cabeça chegava ao céu das estrelas, que é o oitavo. Logo, era tão agigantada a sua estatura que desde o primeiro até o último tomava todo o céu. Pois, se a grandeza de cada um dos céus é tão imensa, e a de todos tão incomparavelmente maior, como é possível que uma só mulher a ocupasse toda? Porque aquela mulher, como vimos, era Teresa, e Teresa, em si mesma e na estimação de Cristo, é tão grande, que ela só iguala a todo o céu. Por isso diz, com suposição já não possível mas certa, que se não tivera criado o céu, só para ela o criara. E se não, entremos no mesmo céu empíreo, de que mais propriamente falava Cristo, e veremos que se neste céu exterior, que vemos, ocupava Teresa todos os lugares com a figura, no céu interior, que não vemos, também os ocupa todos com a presença. A natureza humana beatificada tem no céu sete lugares: de patriarcas, de profetas, de apóstolos, de doutores, de mártires, de confessores, de virgens; e em todos tem assento eminente Santa Teresa. No das virgens pela pureza, no dos confessores pela penitência, no dos mártires pelo desejo, no dos doutores, por seus admiráveis escritos, no dos apóstolos pelo seu zelo ardentíssimo da propagação da fé, no dos profetas pelos secretos altíssimos das suas visões, revelações e profecias, e no dos patriarcas, finalmente, com ser mulher, como mãe e fundadora gloriosíssima de uma religião tão ilustre, e lustre das religiões. E se Cristo no céu que se vê, e no céu que se não vê, deu a Teresa todo o céu, vede se o criaria só para ela, no caso em que o não tivera criado? E sendo criado o céu para todos os predestinados, isto é, para todos os que foram, são e serão bem-aventurados na glória, julgai se parece, como eu dizia, que pesou tanto na estimação de Cristo o amor só de Teresa, como o de todos.

Grande favor, grande fineza, estais dizendo todos; e mais não sendo encarecimento, senão verdade infalível da boca de Cristo. Pois saiba cada um de nós — ou advirta, como já sabe que esse mesmo favor, e essa mesma fineza faz o mesmo Cristo no Sacramento por cada um dos que comungam. Se Cristo faria por Teresa o que fez por todos os predestinados, no Sacramento não só faria, mas faz por cada um dos que comungam o que fez por todos. Porque, se no Sacramento se dá todo a todos, igualmente se dá todo a cada um. É verdade que o Sacramento foi feito para todos, mas de tal maneira para todos como se se fizera para um só. No Evangelho o temos, e não em uma só parte, senão em todo: *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo* (Jo. 6, 57): Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue está em mim, e eu nele. — Notai que não diz aqueles que comem, senão aquele: *Qui manducat*. Vai por diante o Senhor: *Sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Patrem, et qui manducat me, et ipse vivet propter me* (Ibid. 58): Assim como meu Padre vive, e eu vivo por ele, assim aquele que me come viverá por mim. — Notai outra vez que não diz aqueles, senão aquele: *Et qui manducat*. Finalmente faz comparação entre o Sacramento e o maná, e dizendo que seus

pais, daqueles com quem falava, comeram o maná e morreram: *Patres vestri manducaverunt mana et mortui sunt* (Ibid. 59), aqui parece que por boa consequência, e para mais declarar a contraposição, havia de dizer que aqueles, porém, que comem meu corpo, viverão eternamente; e também aqui não disse aqueles, em plural, senão aquele, em singular: *Qui manducat hunc panem vivet in aeternum*. Qual é pois a razão por que sempre diz aquele, e não aqueles? Por que sempre fala em singular, e não em plural? E por que, sendo o Sacramento instituído para todos, nunca fala de muitos, senão de um só? E notai, para maior admiração, que em todas estas sentenças sempre o Senhor variou a frase, porque a primeira vez disse: Aquele que come a minha carne: *Qui manducat meam carnem*; a segunda: *Aquele que come a mim: Qui manducat me*; a terceira: Aquele que come este pão: *Qui manducat hunc panem*. Pois, se falando do Sacramento, que é carne de Cristo, e todo Cristo, debaixo de espécies de pão, variou sempre a frase, falando dos que comungam, por que não variou nem multiplicou o número, antes persistiu e perseverou sempre na unidade: *Qui manducat, qui manducat, qui manducat*? A razão é porque, ainda que o amor de Cristo, instituindo o Sacramento universalmente para todos, de tal maneira abstraiu e quis que nos abstraíssemos dessa mesma universalidade, como se verdadeiramente fora instituído não para todos, nem para muitos, nem para mais, senão singularmente para um só. E assim é, porque, dando-se Cristo no Sacramento todo a todos, e todo a cada um, de tal modo e com tal amor se dá todo a um, como se amara e estimara tanto a um só como a todos.

Ouvi a São Salviano, que é o que mais viva e profundamente ponderou esta singularidade: *Sicut totum ei debent universi, sic totum singuli, quod tantum acceperunt singuli, quantum universi*: No Sacramento tanto devem todos a Cristo, com cada um, porque tanto recebe cada um como todos. — E que se segue daqui? Agora vai o profundo da ponderação: *Ubi enim hoc unus accipit, quod universi, et si par est mensura, major invidia est*: Porque quando um recebe tanto como todos, ainda que a medida é igual, a inveja é maior. — Muitos comentários tenho lido desta cláusula, e muitos sentidos deste enigma de Salviano, mas nenhum que satisfaça, porque, para haver inveja, há de haver desigualdade, e sendo a medida do que se dá igual, como pode haver inveja? Na distribuição do maná nenhum tinha inveja, porque aquela medida, chamada *gomor*, tão cheia se dava a um como ao outro; logo, se cá também a medida é igual: *par mensura*, como pode ser maior a inveja: *major invidia est*? Porque no maná tanto levava um como o outro, mas não tanto um como todos: porém, no Sacramento, como tanto recebe um como todos, e tanto todos como um, bem pode haver inveja, e grande inveja, não pela desigualdade do Sacramento, onde a não há, senão pela desigualdade de número, que é a maior que pode haver. Quando um só recebe tanto como todos, como não hão de ter inveja todos àquele um? Se no céu pudera haver inveja, e já se soubesse que o céu que Cristo fez por amor de todos os bem-aventurados, o faria só por amor de Teresa, não seria bastante ocasião de inveja esta grande diferença? Pois o

mesmo passa no Sacramento. Antes digo que, assim como da arte de todos em respeito de um pode ser inveja, assim da parte de um em respeito de todos poderá ser soberba. Que faça tanto Deus por mim só, como por todos. Ele me tenha de sua mão, para que tamanho favor me não ensoberbeça. Aqui, e neste ponto de tão verdadeira honra, quisera eu que a nossa soberba se esmerasse; mas ela é tão vã e tão vil, que, igualando-nos Deus, na sua estimação, com todos, o mesmo Deus, na nossa estimação, é menos que tudo.

CAPÍTULO 4

O terceiro favor, e mui singular com que Cristo declarou seu amor a Santa Teresa, foi este. Falava a santa com o Senhor tão familiarmente, como sabemos. E passando uma vez a conversação do presente ao passado, disse-lhe Teresa: — Grande foi, Senhor, o amor com que Vossa Majestade amou à Madalena. — Estas foram as palavras debaixo das quais pudera haver alguma segunda intenção, se não fora Teresa a que as disse. Uma das maiores prerrogativas do amor divino é ser amor sem ciúme. Quem ama a Deus deseja que todos o amem, e que eles ame a todos, e por isso é amor. O humano — a quem falsamente damos este nome — nem admite companhia no amar, nem vantagem no ser amado, e por isso é amor-próprio, ou mais propriamente inveja. Falou pois Teresa sem querer fazer comparação de si à Madalena; mas como se a fizera, e quisera saber de Cristo este segredo do seu coração, respondeu o Senhor assim: — Teresa, eu amei a Madalena estando na terra, porém a ti amo-te estando no céu. — De sorte que distinguiu o amor pelo lugar, e a fineza de um pela melhoria de outro.

Se Cristo fora como os outros homens, achara eu muito fácil inteligência a esta sua resposta, porque o amor está em tal estado que, sendo afeto do coração, depende mais dos lugares que das vontades; e assim é muito maior fineza amar no céu, que amar na terra. As bem-aventuranças são muito desamoráveis, e não há maior inimigo do amor que a felicidade. Provavam antigamente isto os pregadores com o exemplo de José, nas ingratidões do copeiro de Faraó. Mas hoje estão estes desenganos tão provados nas experiências, que não necessitam de fé nem de Escrituras. O certo é que toda a fortuna tem jurisdição no amor: se é adversa, ninguém vos ama; se é próspera, a ninguém a mais. É tanto assim que, como coisa nova e singular, disse São Paulo de Cristo: *Qui descendit, ipse est et qui ascendit* (Efs. 4, 10): O Senhor que subiu ao céu é o mesmo que desceu à terra. — Porque os outros homens, comumente, quando sobem são uns, quando descem são outros. Por isso há tantos que trabalhem pelos fazer descer. Pois, se Cristo no céu e na terra sempre é o mesmo, como dá por razão de diferença ou de vantagem que à Madalena amou-a quando estava na terra, porém a Teresa quando está no céu? A razão é porque em Cristo,

ainda que a mudança do lugar não faz diferença na vontade, a maioria do estado acrescenta grandes quilates ao amor. Na mesma Madalena o temos.

Sendo Cristo convidado do fariseu, entrou a Madalena por sua casa, lançou-se aos pés do Senhor, ungiu-lhos, segundo o costume daquele tempo, com preciosos unguentos, regou-os com especiosas lágrimas, enxugou-os com seus cabelos, regalou-os e regalou-se com eles até matar a sede da sua dor e do seu amor. Outra vez depois, e poucos dias antes de sua morte, estando o mesmo Cristo em Betânia, hóspede de Simão, lhe fez a Madalena semelhante regalo, ainda com circunstâncias de maior confiança, porque não derramou os unguentos — que eram de mais estimadas espécies — sobre os pés do Senhor, senão sobre a cabeça: *Super caput ipsius recumbentis*. Em uma e outra ocasião, tão fora esteve a soberana benignidade de Cristo de lançar de si a Madalena, ou de estranhar este gênero de obséquio, tão alheio da moderação do seu trato, que publicamente a louvou e a defendeu: a primeira vez contra os pensamentos do fariseu, e a segunda contra as murmurações dos discípulos. Sendo tudo isto assim, ressuscita o mesmo Senhor, aparece à mesma Madalena na manhã da Ressurreição, e querendo ela respirar da sua tristeza, alegrar as suas lágrimas, consolar as suas saudades, e ressuscitar também a sua vida com se lançar e abraçar os sagrados pés onde sua alma a tinha recebido, eis que com novidade e estranheza não esperada, o Senhor a aparta de si, e lhe manda que o não toque: *Noli me tangere*. A causa que deu a este retiro — a qual logo ponderaremos — não tira, antes acrescenta a dúvida. Pois, se Cristo, antes de sua morte, em que a Madalena o assistiu tão constantemente, admitia e se agradava dos seus obséquios, como agora depois de sua Ressurreição, os não consente, antes lhe manda que se retire? Porventura merecia agora menos a Madalena? Claro está que não, antes muito mais, porque o amor da vida, que costuma acabar com a morte e enterrar-se com a sepultura, vivo, morto e sepultado, e ainda desaparecido, que é mais, o tinha Cristo experimentado nela sempre constante. Pois, se o amor era o mesmo, as finezas mais declaradas, e o merecimento maior, por que lhe nega Cristo, depois da Ressurreição, o favor que lhe concedia antes da morte? Porque antes da morte, diz São João Crisóstomo, estava Cristo mortal e passível; depois da Ressurreição estava já imortal e glorioso: e como este novo estado era tão diferente, esta era também a diferença com que queria ser tratado. O primeiro estado era o da terra, em que veio a servir; o segundo era já o do céu, em que ia a reinar: e por isso tratava e queria ser tratado da Madalena, não segundo a familiaridade de quando vivia na terra, senão conforme a majestade com que ia a reinar no céu. O mesmo Cristo deu à Madalena esta razão.

Quando o Senhor lhe disse: *Noli me tangere*, acrescentou: *Nondum enim ascendi ad Patrem: vade autem ad fratres meos, et dic eis: Ascendo ad Patrem meum et Patrem vestrum* (Jo. 20, 17). Quer dizer: posto que me vês na terra, e ainda não subi ao céu, digo-te contudo que me não toques, porque daqui por

diante há-me de tratar como se já estivera no céu, e não na terra. E assim vai dizer a meus discípulos que subo ao Padre: *Dic eis: Ascendo ad Patrem meum*. Notável recado em tal dia! O dia era da Ressurreição, e o recado é da Ascensão. Parece que o recado havia de ser: — Dize a meus discípulos que ressuscitei, que já te apareci, que me viste, que estou vivo. Mas que subo ao céu: *Ascendo ad Patrem?* — e não que subirei, ou que hei de subir, senão que já subo: *Ascendo?* Sim, para que entendessem os apóstolos que o novo estado a que ressuscitara era muito diverso do passado, e que já o não haviam de tratar como companheiro na terra, senão como Senhor no céu. E isto que mandava dizer aos apóstolos era o mesmo que respondia à Madalena, para que do recado que levava entendesse a razão do que lhe proibira; e assim o entendeu. Tornou Cristo a aparecer à Madalena e às outras Marias no mesmo dia, e que fizeram? *Tenuerunt pedes ejus, et adoraverunt eum* (Mt. 28, 9): Lançaram-se aos pés do Senhor, e adoraram-no. — Pois, se Cristo permitiu estes segundos obséquios, em que também entrava a Madalena, por que lhe não consentiu os primeiros? Porque os primeiros eram de amor e familiaridade, os segundos eram só de respeito e reverência; aqueles eram abraços, estes eram adorações: *Et adoraverunt eum*. Tanta era a majestade com que o Senhor agora se tratava, e tanta a veneração com que queria ser tratado, não porque não fosse ainda o mesmo, mas porque o seu estado não era já da terra, senão do céu. E se para não admitir os afetos da Madalena, com as demonstrações de favor e agrado que dantes costumava, bastou dizer que já subia ao Padre, vede se distinguiu e encareceu altamente a preferência do seu amor na diferença do seu estado, pois amando a Madalena e amando a Teresa, à Madalena diz que a amou quando estava na terra, e a Teresa que a amava estando no céu. Venha terceira vez o Evangelho.

As virgens néscias não se fizeram néscias naquelas poucas horas em que esperaram a vinda do esposo. É verdade que quando lhes disseram que já vinha, bastantes razões tiveram para perder o juízo, pois se viram com as lâmpadas apagadas na ocasião de maior luzimento, e experimentaram tão más correspondências nas companheiras, de cuja amizade esperavam outros primores. Mas antes de tudo isto, quando foram admitidas para o aparato daquela solenidade, já então diz o Evangelho que eram néscias: *Quinque autem ex eis erant fatuae*. Pois se o esposo, que era Cristo, sem embargo deste defeito tão conhecido, as admitiu ao primeiro ato das bodas, por que as excluiu no último? Porque no primeiro estava ainda na terra, onde veio buscar a esposa; no último estava já no céu, onde a levou: e como o estado de Cristo no céu é tão superior ao que teve na terra, na terra, onde tudo é imperfeito, admitia prudentes e néscias, porém no céu, que é a pátria da perfeição, só admitiu as prudentes. Mas que de prudentes e néscias faça Cristo tanta diferença quanta vai do céu à terra, bem está: porém de prudente a prudente, e entre duas tão prudentes, como era a Madalena e Teresa, faça distinção o seu amor, em amar a uma quando estava na terra, e a outra quando está no céu? Sim. E tenha

paciência por agora a Madalena, que não poderá o amor responder mais em favor de Teresa.

Para conhecimento desta diferença ou desta declarada vantagem, é necessário considerar bem como está Cristo no céu e com quem está. O estado que Cristo tem no céu é tão diverso do que tinha na terra, que quando se partiu para lá, disse assim a seus discípulos: *Qui credit in me, opera quae ego facio et ipse faciet, et majora horum faciet, quia ego ad Patrem vado* (Jo. 14, 12): Vós que credes em mim, não só fareis as obras maravilhosas que eu agora faço, senão maiores. — E por quê? *Quia ego ad Patrem vado*: Porque eu vou para o céu. — Pois por que Cristo vai para o céu, por isso hão de fazer seus discípulos maiores milagres do que fazia o mesmo Cristo quando estava na terra? Quando Cristo estava na terra, seus discípulos também faziam milagres, mas menores dos que o Senhor fazia, e alguns não podiam fazer. Qual é logo a razão por que depois de subir ao céu, não só hão de fazer os mesmos milagres que ele fazia, senão maiores? Porque assim convinha ao maior e supremo estado que Cristo havia de ter no céu. A grandeza e majestade dos senhores conhece-se pelo poder e autoridade dos criados. E é tão grande a diferença de estado que hei de ter no céu — diz Cristo — ao que tinha na terra, que vós e todos aqueles de que eu então me servir, não só hão de fazer o que eu fazia, senão maiores obras ainda, para que do seu poder e autoridade se conheça a grandeza e majestade do Senhor a quem servem. Se eles, comparados comigo na terra, parecerá que me excedem a mim, eu comparado comigo no céu, quem pode imaginar o que serei? E se tanta é a diferença que Cristo tem de estado a estado, e ainda de si a si mesmo, só porque está no céu: *Quia ad Patrem vado* — vede também quanto cresce um amor sobre outro amor nesta circunstância e quanto mais foi amar Cristo a Teresa, estando no céu, ou a Madalena, quando estava na terra.

Mas não basta só conhecer como Cristo está no céu: é necessário também considerar com quem está. Cristo no céu está assistido e cortejado de todos os bem-aventurados. E estes bem-aventurados, quem são e qual é a sua grandeza? Nenhum de nós o podia presumir, se o mesmo Cristo o não declarara. Naquele famoso panegírico que Cristo fez de São João Batista, diz duas coisas notáveis: a primeira, que o Batista era o maior dos nascidos; a segunda, que o menor do reino do céu é maior que o Batista: *Amen dico vobis, non surrexit inter natos mulierum major Joanne Baptista: qui autem minor est in regno caelorum, major est illo*. — Depois que o Batista for ao céu, então será lá maior que muitos; mas enquanto está na terra, o menor do reino do céu é maior que ele. E por quê? Porque os dos céus — diz São Jerônimo — vêem a Deus: o Batista ainda o não vê. Os do céu amam por vista, o Batista ama por fé; os do céu já venceram e estão coroados, o Batista ainda tem que vencer e está na campanha: *Aliud est coronam victoriae possidere, aliud adhuc in acie pugnare*. E que estando Cristo na terra, onde o maior dos nascidos é menor que o menor do reino do céu, amasse muito a Madalena, não foi grande fineza; mas que estando no céu, onde

o menor daquele reino é maior que o maior dos nascidos, amasse tanto a Teresa, esta foi aquela grande diferença, que o mesmo Senhor ponderou, porque só ele a conhecia. A Madalena, como tão amante e tão amada estando na terra, mandava-a Cristo levar ao céu, para que fosse ouvir as músicas dos anjos; e Teresa, estando na terra, amava tanto e era tão amada que, estando Cristo no céu, deixava as músicas dos anjos para vir conversar com Teresa na terra. Encareça logo Cristo o seu amor pela diferença do seu estado, e pela do lugar e da companhia, e diga que amou a Madalena e amava a Teresa sim, mas a Madalena quando estava na terra, a Teresa quando estava no céu.

E se esta circunstância do amor acrescenta tanto à fineza, quanto vai do céu à terra, não é menor, senão a mesma, a que Cristo usa e exercita conosco no diviníssimo Sacramento. O mesmo Evangelho o diz: *Hic est panis qui de caelo descendit* (Jo. 6, 59): Este é o pão que desceu do céu. — Quando Cristo disse estas palavras, nem ele tinha ainda subido ao céu, nem instituído o Sacramento de seu corpo debaixo de espécies de pão. Pois, se ainda não era pão, nem tinha subido ao céu, como lhe chama pão que desceu do céu: *Qui de caelo descendit?* É verdade que o Sacramento, o qual começou a ser pão na ceia, não era do céu, nem desceu do céu senão do dia da Ascensão por diante, porque o corpo de Cristo, que é a substância do Sacramento, nunca esteve no céu, senão depois daquele dia; e contudo chamou-lhe Cristo pão do céu, antes de ser do céu, porque, como queria encarecer o muito que nos dava, antecipou a circunstância para mais subir de ponto a fineza. Disse o que havia de ser, quando ainda não era, porque acrescentava muito à substância do que era a circunstância do que havia de ser. — Havia de ser pão, que por amor de nós desceu do céu: *Panis qui de caelo descendit* — e assim como o mesmo Senhor preferiu o amor com que amava a Teresa ao amor com que amou a Madalena, pela diferença de amar estando no céu ou estando na terra, assim pondera muito no Sacramento, não tanto a substância do que dá, quanto a circunstância do lugar donde desce, porque ainda que dar-se Cristo a comer é o *non plus ultra* do amor, dar-se quando está no céu e descer do céu para se dar, é muito maior fineza que se estivera na terra.

Daqui se segue que devemos e somos mais obrigados a Cristo pela continuação do Sacramento que pela instituição dele; mas pelo modo com que agora se nos dá a nós, que pelo modo com que no princípio se deu aos apóstolos, porque no princípio deu-se quando estava mortal e passível, agora dá-se quando está imortal e glorioso; no princípio deu-se quando estava na terra, agora dá-se quando está no céu. Assim o entendeu e admirou quem teve ciência para o conhecer, posto que não teve ventura para o gozar, Davi: *Panem caeli dedit eis, panem angelorum manducavit homo* (Sl. 77, 24 s): O pão do céu deu-se na terra, e o pão dos anjos comeram-no os homens. — Três coisas diz aqui o profeta certas, e uma parece que o não é: ser o Sacramento pão do céu, dar-se na terra e comerem-no os homens. Tudo é certo; mas que esse pão seja dos anjos, como

ou por que título? Ou seria pão dos anjos se os anjos o comessem, mas eles não o comem: ou seria pão dos anjos se eles o fizessem e consagassem; mas esse poder é só dos sacerdotes. Por que diz logo o profeta que é pão dos anjos? Porque as coisas propriamente não são de quem as logra, senão de quem as merece. Se o pão do céu se dera por oposição, e não por graça, por justiça, e não por favor, aos anjos se havia de dar, que são do céu, e não a nós, que somos da terra e somos terra. E que havendo nos anjos o merecimento, e em nós a indignidade, se negue este pão aos anjos no céu, e desça do céu para se dar aos homens na terra? Oh! grande amor! E não sei se diga também: grande injustiça! Mas o amor, para ser grande, há de ter alguma coisa de injusto, porque sendo injusto para quem se nega, é mais fino para quem se dá. Só Santa Teresa fez justa esta fineza, porque, sendo mulher, foi serafim; nós, devendo chegar à comunhão como anjos, apenas há algum que o faça como homem: *Panem angelorum manducavit homo*.

CAPÍTULO 5

O quarto e último favor de Cristo, que pondero em Santa Teresa, tem ainda muito mais apertadas circunstâncias que as passadas. Nos princípios, em que o soberano Senhor começou a regalar a sua esposa com aparições tão frequentes e tão extraordinárias, que tiveram por muito tempo suspensa e duvidosa toda a Igreja, a santa, como tão prudente e tão humilde, que no seu conceito se reputava pela mais indigna de todas as criaturas, temia que fossem enganos e ilusões do demônio, e por conselho e obediência de seus confessores, que sempre foram os mais doutos e mais espirituais daquela idade, quando Cristo lhe aparecia, ou como ressuscitado e glorioso, ou como chagado e coroadado de espinhos, ou na mesma forma e representação com que vivia neste mundo, Teresa não só lhe voltava o rosto com rigor e sinais de desprezo, mas com a boca lhe dizia injúrias, com as mãos lhe fazia afrontas, e, como se fosse o inimigo comum do gênero humano, com a cruz e água benta se defendia daquele bendito Senhor, que para nos armar com a mesma cruz quis morrer nela; porém o amor do Esposo divino era tão fino e tão constante, que não só sofria estes bem-intencionados agravos, mas, por serem feitos por obediência, os aprovava e amava.

Lembra-me a este propósito aquela famosa questão, disputada diante de el-rei Dario, e referida por Esdras no Livro Terceiro (III Esd. cap. 3 e 4). Era a proposta da questão, entre três sábios do palácio real, qual fosse a mais forte coisa do mundo? Um disse que o vinho, outro que o rei, outro que a mulher. E este provou a sua opinião com este exemplo. Eu vi, disse, uma mulher chamada Apemen, amiga de um famosíssimo rei, a qual estava assentada à sua mão direita: *Sedentem juxta regem ad dexteram*. E esta lhe tirava a coroa da cabeça, e a punha sobre a sua: *Auferentem diadema de capite ejus, et inponentem sibi*

— e com a mão esquerda lhe dava bofetadas: *Et palmis caedebat regem de sinistra manu* — e sobre tudo isto o rei, com a boca aberta, estava suspenso e como arrebatado nela: *Et super haec aperto ore intuebatur eam*. E se Apemen se lhe mostrava indignada, com novas carícias a procurava reconciliar e trazer à sua graça: *Nam si indignata ei fuerit, blanditur, donec reconcilietur in gratiam*. — Tão rendido tinha o amor aquele homem, e tão esquecido de si estava aquele rei. Mas quem poderá imaginar em Deus semelhantes extremos? Grande é, excessivo é, e quase incrível, Teresa, o amor com que rendido vos ama e estima Cristo! Tirais a coroa da cabeça ao Rei dos Reis, persuadindo-vos que não é ele o que vedes. Não só a pondeis sobre a vossa cabeça, mas mostrais que a pisais e lançais aos pés; não só lhe dais bofetadas, mas com as mãos violentas ou violentadas lhe fazeis injúrias de maior aborrecimento e desprezo; não só vos mostrais ingrata a seus favores, mas ofendida e indignada dele. *Et super haec*, e sobre tudo isto, ele, desconhecido, vos não desconhece; ele, tão indignamente tratado, vos torna a buscar; ele continua e insiste com novos favores, para que o acabeis de conhecer e o admitais em vossa graça. Vamos ao Evangelho.

Não lhes aproveitou às virgens mal prevenidas haverem seguido o conselho das prudentes — que era a desculpa em que nestes agravos inocentes se fundava a consciência e obediência de Teresa — não lhes aproveitou, digo, nem lhes valeu às cinco virgens aquele conselho, para que o Esposo lhes não fechasse a porta: *Et clausa est janua*. Vieram contudo com o descuido emendado e as lâmpadas acesas, bateram e chamaram: *Domine, Domine, aperi nobis*. Mas como o Senhor lhes respondesse: *Nescio vos* (Ibid. 12): Não vos conheço — não bateram nem chamaram mais. Esta é a minha admiração e o meu reparo. O mesmo Senhor, que mandou fechar a porta a estas virgens, tinha dito: *Petite, et accipietis; pulsate, et aperietur vobis* (Lc. 11, 9 s): Pedi, e recebereis; batei, e abrir-vos-ão: *Omnis enim qui petit, accipit, et pulsanti, aperietur*: Porque todo o que pede recebe, e a todo o que bate se abrirá. — Pois, se o mesmo Senhor tinha mandado e prometido isto, se tinha mandado que pedissem e que batessem, e tinha prometido que quem pedisse receberia, e a quem batesse lhe abririam, por que não instam em pedir e bater? Se pediram e bateram uma vez, peçam e batam outra; e se isso não bastar, continuem em pedir, e perseverem em bater muitas vezes, pois também sabem que Deus gosta de ser importunado, e que assim o ensinou o mesmo Cristo. Qual é logo a razão por que estas mesmas virgens, tão desejosas de entrar, que não perdoaram a diligências, nem a passadas, nem a despesas, e tudo isto fizeram sem temor nem reparo à meia-noite, qual é a razão por que agora não insistem nem perseveram, e se retiram tristes e mudas, sem falar nem aparecer mais? A razão é porque o Esposo lhes disse: *Nescio vos*: Não vos conheço. — E tanto que se viram desconhecidas, de tal maneira perderam a confiança e ainda o primeiro fervor e desejo, que se não atreveram a falar nem aparecer mais diante de quem as não conhecia. As desconhecidas, no nosso caso, não eram as virgens ou a virgem, senão o mesmo Esposo. Tão desconhecido de Teresa, que não só o não conhecia por quem era,

nem só o reputava por fingido e fantástico, senão por outro tão alheio daquela divina figura, quanto é o mesmo demônio transfigurado em anjo de luz. E que assim desconhecido e tratado como tal, com desprezos, com injúrias e aborrecimentos, torne Cristo a buscar a Teresa, e não desista de lhe aparecer, para que acabe de se enganar e o conhecer? Grande e nunca visto amor!

As diligências que Cristo fazia para que Teresa, sem escrúpulo, nem dúvida, o conhecesse, e os efeitos que experimentava depois destas aparições, eram todos aqueles com que o mesmo Senhor costuma assegurar as almas timoratas da verdade da sua presença. Porque, depois destas vistas tão mal olhadas, crescia no coração de Teresa a humildade e desprezo de si mesma, crescia o aborrecimento do mundo, crescia o zelo da honra de Deus, e todas as outras virtudes sólidas, que com as aparições do demônio, como vento seco e do inferno, costumam enfraquecer e murchar. Mas nenhuns destes sinais bastavam para que Teresa, ou os que governavam seu espírito, o dessem por seguro. Quando Cristo apareceu a Madalena em traje de hortelão, bastou que dissesse: Maria, para que ela conhecesse a seu Mestre. Quando o mesmo Senhor apareceu em hábito de peregrino aos discípulos de Emaús, bastou que partisse diante dele o pão, para que também o conhecessem; mas para que seguramente o conhecesse Teresa, nenhuns sinais, nenhuma demonstrações, nenhuma experiências bastavam, como também não bastava este tão continuado desconhecimento, para que o Senhor se retirasse, que tanto o apertava o seu amor.

Retirai-vos, Senhor, retirai-vos, e eu vos prometo que haveis de acabar mais com o mesmo retiro que com a presença, e mais com o desaparecer que com as aparições, porque tanto que vos retirardes e desaparecerdes, logo se conhecerá que sois vós, e que são verdades seguras e vossas as que agora parecem sonhos e ilusões. Lembrai-vos de quando mandastes livrar do cárcere mamertino ao vosso grande sucessor e amante. Estava ali preso São Pedro com duas cadeias e quatro soldados de guarda, quando entrou o anjo a libertá-lo. Tocou as cadeias, e quebraram-se; tocou o prisioneiro, e acordou; disse-lhe que se vestisse, vestiu-se; disse-lhe que se calçasse, calçou-se; e Pedro, que tudo isto viu e fazia, cuidava que era sonho e ilusão. Disse-lhe o anjo que o seguisse, seguiu-o: passaram a primeira e segunda guarda, e ninguém os impediu; chegaram a uma porta de ferro, e desferrolhou-se; caminharam por dentro e por fora da cidade, e Pedro ainda crente que nada daquilo era verdade, senão imaginações vãs da fantasia: *Nesciebat quia verum est quod fiebat per angelum: existimabat autem se visum videre*. Eis aqui como muitas vezes, ainda aos maiores santos, as verdades parecem enganos, e as aparições do céu, ilusões. Mas que fez o anjo, para que Pedro se enganasse e cresse o que não acabava de crer? Tirou-se de diante dos seus olhos, e desapareceu: *Discessit angelus ab eo* (At. 12, 10). E no mesmo ponto conheceu Pedro que o anjo verdadeiramente era anjo, e que ele verdadeiramente tinha saído do cárcere, e estava livre: *Nunc scio vere, quia*

misit Dominus angelum suum, et eripuit me. De sorte que quando lhe apareceu o anjo, e enquanto o via, não o conhecia; e tanto que desapareceu e não o viu, então o conheceu. Este é o remédio, Senhor, para que Teresa vos conheça. Se vos não conhece quando lhe apareceis, desaparecei, e conhecer-vos-á. Mas este mesmo conselho, que vós sabeis melhor, muito temo que o não há de tomar vosso amor, posto que sinta quanto deve ver-se tão desconhecido.

Cansados de lutar a maior parte da noite contra uma grande tempestade na pequena barca de São Pedro, ele e os outros discípulos, e já desesperados de remédio, foi o divino Mestre desde a praia a socorrê-los, caminhando sobre as ondas. O perigo, a escuridade, e os passos daquela portentosa figura, que cada vez que se ia chegando mais para eles, sobre o temor e perturbação em que estavam, lha acrescentou de maneira, que não conhecendo quem era, se persuadiram ser algum fantasma: *Ut viderunt eum ambulans supra mare, putaverunt phantasma esse.* O Siro lê: *Visum mendax*: visão enganosa; e os expositores: *illusionem diabolicam*: ilusão do demônio, que é o mesmo que sucedia a Santa Teresa com suas visões, ou a Cristo com elas. Mas que fez o Senhor neste passo? Diz o evangelista que queria deixar os discípulos: *Volebat praeterire eos* (Ibid. 48). Pois, se os ia socorrer, e por um modo tão extraordinário e milagroso, por que os quer deixar? Porque assim o ditava a razão, vendo-se a si mesmo reputado por fantasma, a sua visão por enganosa, e a sua presença verdadeira por ilusão diabólica. Mas como naquela barca flutuava o seu cuidado e perigava o seu amor, enfim os socorreu, e foi conhecido. Oh! Jesus! Oh! Teresa! Muito era que fizesse Cristo tanto por Teresa, como por Pedro e João, e por todo o apostolado junto; mas sem comparação fez muito mais. Não uma só vez foi reputado por fantasma, nem um só dia, senão anos inteiros; andava o seu amor por tribunais, as suas visões e aparições, ou reprovadas totalmente, ou tidas por suspeitosas, e ele não só desconhecido, mas injuriado, porém a sua vontade sempre tão firme e constante, que nunca se pôde dizer dela: *Volebat praeterire*. Desconhecido, tornava a buscar a Teresa; injuriado, lhe fazia novos favores, e nenhum conceito do mundo, ou descrédito seu, ou perseguição de ambos pôde fazer jamais que a deixasse.

E quem não vê neste prodigioso retrato a verdade, a firmeza, a paciência e a invencível perseverança do amor de Cristo para conosco naquele sacrossanto mistério? Nós o cremos, nós o adoramos, nós daremos o sangue e a vida pela confissão e defesa de que naquela Hóstia consagrada, posto que invisível a nossos olhos, está e estará até o fim do mundo toda a majestade do Filho de Deus, humana e divina, tão inteira, real e verdadeiramente como à destra do Padre. Mas quantos hereges houve e há, que a tudo isto, que a católica Igreja crê e ensina, chamam blasfemamente fantasmas. Dizem — tão ignorantes são e tão estólios — que quando Cristo disse: *Hoc est corpus meum*: Este é meu corpo — não quis dizer nem significar o que as palavras significam; dizem que não há ali outra coisa senão o que se vê, pão, e não Cristo; dizem que tudo o

que os católicos cremos, são quimeras, ilusões e enganos. E, sem embargo desta incredulidade, desta perfídia, destas blasfêmias, e das outras injúrias maiores com que do entendimento cego passam às mãos sacrílegas, foi tão imensa a benignidade do divino amor que, antevendo-as, se deixou conosco, e é tão constante o mesmo amor que, experimentando-as, as sofre e não aparta de nós.

Quando Cristo, naquelas palavras que só nos restam por ponderar do Evangelho: *Non sicut manducaverunt patres vestri mana, et mortui sunt*, ensinou a diferença infinita que há do maná ao divino Sacramento, foi porque o povo cego antepunha o maná ao pão do céu que o Senhor lhes prometia, e Moisés ao mesmo Cristo. E quando lhes disse que, se não comessem a sua carne e bebessem o seu sangue, não haviam de ter vida: *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis* (Jo. 6, 54) — não só o povo, senão muitos dos discípulos do mesmo Cristo se saíram da sua escola e lhe voltaram as costas, dizendo que tais coisas, como aquelas, não se podiam ouvir, quanto mais crer. De sorte que a fé do Sacramento, não só nasceu, mas foi concebida em tal signo de contradição: *In signum cui contradicetur* (Lc. 2, 34) — que antes de ser instituído o Sacramento, já era negado, antes de ser dado, já era perseguido, e só por ser prometido, era blasfemado. Pois, Senhor, se assim é já agora, e estas mesmas experiências mostram o que será depois, se estes homens são tão cegos, tão ingratos e tão indignos, e a mercê que lhes quereis fazer excede tanto, não só o seu desmerecimento, senão a sua capacidade, deixai de instituir este novo mistério, pois para a redenção do mundo basta o da cruz; e já que os homens são tais, que vos deixam porque vos quereis deixar com eles, não vos deixeis, para que vos não deixem. Assim havia de ser, se o amor de Cristo para conosco no Sacramento não fora tão fino e constante, como foi para com Teresa fora do Sacramento.

Enquanto a verdade das visões de Santa Teresa esteve tão duvidosa, o mesmo Cristo, que lhe aparecia, era ele na realidade, e não era eles na opinião: enquanto ele — que verdadeiramente era — era amado, era estimado, era adorado; enquanto não ele — que falsamente não era — era aborrecido, era desprezado, era injuriado; e todo este amor e aborrecimento, todas estas estimações e desprezos, todas estas adorações e injúrias exercitava no mesmo tempo a mesma Teresa, sendo uma só. Bem assim como o mundo, sendo composto de muitos, uns fiéis, outros infiéis, uns católicos, outros hereges, uns bons cristãos, outros maus, uns crêem a Cristo no Sacramento, outros o negam, uns o adoram, outros o desprezam, uns o veneram com obséquios, outros o ofendem com injúrias; mas assim como Jacó, pelo amor que tinha a Raquel, sofria os desagradados de Lia, e muito mais os agravos de Labão, e esta era a maior fineza daquele forte e constante amor, assim a maior fineza de Cristo no

Sacramento foi expor-se às afrontas e injúrias dos que o ofendem, por não faltar à comunicação dos que o amam, e estar sempre com eles.

CAPÍTULO 6

Mas que desquites podem ter estes agravos, estas ofensas, estas injúrias na justa dor daquelas almas devotas e pias, que as sentem e choram mais que próprias, por serem daquele Senhor seu, a quem mais que a si mesmas amam? Este foi o bem inventado desempenho e o religiosíssimo fim da solenidade presente, restituindo-se a esta igreja o roubo cometido em outra, e vingando-se, com repetidos obséquios de todos os meses, o agravo daquele dia, para que o mesmo Cristo sacramentado, por um sacrilégio, receba muitos sacrifícios, por uma injúria, muitas adorações, e por um ato escondido da infidelidade, muitas protestações públicas da fé, e novas exaltações dela. Quando a Madalena entendeu que lhe tinham roubado do sepulcro o sagrado corpo, dizia: *Tulerunt Dominum meum, et nescio ubi posuerunt eum* (Jo. 20, 13): Levaram-me a meu Senhor, e não sei onde o puseram. Entre estas ânsias apareceu o disfarçado hortelão, e disse-lhe: *Si tu sustulisti eum, dicito mihi, et ego eum tollam* (Ibid. 15): Se tu acaso és o que o levaste, diz-me onde o puseste, porque eu o levantarei desse lugar. — Bem está, Madalena. Mas se vós vos queixais de não saber onde puseram vosso Senhor,izei-nos também onde o haveis de pôr, se o achardes? Só disse que o havia de levantar, mas não disse onde o havia de pôr, porque esse pensamento ficou reservado para as imitadoras do seu amor. Levantaram o Senhor àquele soberano trono, e ali o têm posto e exposto, para que a nossa fé publicamente o confesse e adore, e os nossos corações, prostrados diante de seu divino acatamento, sejam a detestação e desquite daquela abominada injúria.

De todas as que material e involuntariamente fazia a Cristo Santa Teresa, era o desquite o seu coração, e assim o fazem todos os corações desta santa congregação, tão devota, como bem entendida, trazendo sobre o peito uma custódia, e ao pé dela um S e um cravo, em sinal de perpétua escravidão daquele ofendido e adorado Senhor. Parece que falava o mesmo Senhor, como em profecia, destes corações e desta casa, quando disse a Santa Teresa o que agora direi. Mandavam seus prelados à santa que fosse ser priora do Convento da Encarnação de Ávila, e ela, como tão humilde, escusava-se.

Neste mesmo tempo andava requerendo Teresa com Cristo não sei que mercê para um seu irmão, e como o Senhor tardasse com o despacho, era tanta a confiança entre os dois, que não duvidou a santa de se queixar amorosamente deste que parecia descuido, e comparando-o com o seu cuidado, lhe disse assim: — Por certo, Senhor, que se vós tivéreis um irmão pelo qual me pedíreis alguma coisa, a não dilataria eu, se pudesse. — Não, Teresa — respondeu

Cristo. — Pois os corações das religiosas da Encarnação são meus irmãos, e pedem-te que vás para eles, porque não mister a tua presença, e tu não queres. — Assim arguiu e respondeu o Senhor a uma queixa com outra, e nela descobriu que havia naquela casa uma irmandade de corações em que ele também era irmão. E se aos corações das religiosas da Encarnação de Ávila chama Cristo irmãos seus, com quanta razão podemos nós dar este mesmo nome às religiosas da Encarnação de Lisboa, pela veneração do Santíssimo Sacramento, e daquela sagrada custódia, de que são perpétuos sacrários. Ressuscitado o Senhor, disse às Marias que levassem as novas aos apóstolos, e as palavras foram estas: *Ite, nuntiate fratribus meis* (Mt 28, 10): Ide, e dizei a meus irmãos. — Irmãos, Senhor? E por que parentesco? Amigos dissestes vós que lhes haveis de chamar, e não servos, porque lhes reveláveis vossos segredos; mas irmãos, por quê? E se nunca lhes destes este título, por que lho dais agora? Excelentemente S. João Crisóstomo: *Vester ego frater esse volui: Ego communicavi carnem propter vos, et sanguinem, et per quae vobis conjunctus, ea rursus vobis exhibui*: Chama Cristo irmãos aos apóstolos no dia da Ressurreição, porque a última vez que tinha estado com eles foi na ceia, em que se lhes deu sacramentado, e pela comunicação da sua carne e do seu sangue contraíram o parentesco e a irmandade. Para haver verdadeira irmandade, há de ser recíproca. E isto fez Cristo na Encarnação e no Sacramento, diz Crisóstomo: pela Encarnação, tomando Cristo a nossa carne e o nosso sangue, fez-se irmão nosso; e pelo Sacramento, dando-nos a mesma carne e o mesmo sangue, fez-nos irmãos seus: *Frater vester esse volui*: eis aí a irmandade; *Communicavi propter vos carnem et sanguinem*: eis aí a Encarnação; *Per quae vobis conjunctus ea rursus vobis exhibui*: eis aí o Sacramento.

Mas são tão religiosamente humildes estes corações irmãos de Cristo, que, podendo-se gloriar do nome de irmãos, se chamam e professam escravos, trocando os títulos de parentesco pelas insígnias da escravidão, com o S e o cravo sobre o peito. Quando Cristo se desposou visivelmente com Santa Teresa, deu-lhe por prendas de seu amor um cravo da sua cruz. Pois, Senhor, um cravo, que é sinal e como ferrete de escravo, dais vós a Teresa quando a levantaiis à dignidade soberana de esposa vossa? Sim, porque ainda que pelos desposórios contraía Teresa com Cristo, o mais alto e mais íntimo parentesco que pode ser, sabia o Senhor dos primores da sua alma, como de todas as que fielmente o veneram e amam, que a mesma dignidade a que as levanta de esposas, as cativa e imprime nelas o carácter de escravas. Enfim, este é o espírito da Encarnação. No dia da Encarnação do Verbo, quando o anjo a anunciou à cheia de graça que havia de ser Mãe de Deus, a Senhora respondeu: *Ecce ancilla Domini* (Lc. 1, 38): Aqui está a escrava do Senhor. — Davam-lhe a dignidade de Mãe, e tomou o nome de escrava; e porque se teve por mais digna de ser escrava que Mãe, esmaltou com o carácter da escravidão a coroa da dignidade.

Ora, Senhor, já que nos corações destas escravas achastes uns espíritos tão conformes ao daquelas entranhas puríssimas, de quem recebestes essa mesma carne e sangue em que vos dais por sustento de nossas almas, ajuntando o mistério altíssimo da Encarnação com o do diviníssimo Sacramento, para que nesse imenso amor se acenda a nossa caridade, e no preço infinito desse penhor, se confirme a nossa esperança, aumentai, com o mistério da fé, a fé viva dos fervorosos católicos, ressuscitai a fé morta dos indevotos e tíbios, e infundi o conhecimento da mesma fé na perfídia e obstinação dos hereges, para que todos vos creiam, confessem e adorem, como nós, por mercê vossa, cremos e confessamos, e prostrados diante desse trono de vossa suprema Majestade, com profundíssima reverência adoramos. E pois estes generosos corações são tão animosos que, encerrados por vosso amor dentro destas paredes, se põem em campo em defesa de vossa fé e desagravo de vossas injúrias, e delas souberam tirar tão multiplicadas glórias a vosso santíssimo nome na terra, considerem os mesmos corações — pois eu o não posso declarar — quão condignos serão os prêmios desta fineza, que vossa divina liberalidade lhes tem aparelhado no céu.



www.poeteiro.com

DADOS BIOGRÁFICOS

O HOMEM

Vieira foi um homem “multidimensional”: sacerdote, diplomata, articulador político, missionário, teólogo. Nada pareceu estar fora da área do seu interesse. A exemplo dos grandes escultores medievais esforçou-se para fazer da sua vida uma imensa catedral, “para o maior louvor de Deus”, suspensa com as pedras da palavra, a gramática da fé e a sintaxe da prática. Enquanto outros utilizavam tijolos e argamassa, rochas esculpidas e vitrais, Vieira fez uso de substantivos, verbos e silogismos. O resultado é um colosso erguido sobre 15 tomos de sermões, conformando-se com mais de três milhões de palavras-pedras. Vieira, o “homem-catedral”, tem várias portas. Resta escolher como penetrar em um prédio tão magnífico que é sua a obra escrita há mais de três séculos. Eis o “imperador da língua portuguesa” como disse Pessoa.

Vieira viaja com a família para a Bahia e será na colônia onde passará a maior parte de seus dias no Brasil (52 dos 89 dos que viveu) e onde adquirirá seus primeiros conhecimentos formais, no então Colégio dos Jesuítas em Salvador. No Brasil, manifestará sua vocação religiosa e em maio de 1623, então com 15 anos, professa o noviciado na Companhia de Jesus e em 1634 obtém o mestrado em Artes.

No ano de 1634 Vieira recebe as ordens Sacerdotais e já em 1635 é encarregado da cadeira de Teologia do Colégio Jesuíta. Em 1640 ocorre o fim da União das Coroas Ibéricas, e D. João IV é aclamado rei de Portugal. Sem ter chegado a tempo essa notícia ao Brasil, Vieira proclama o Sermão pelo Bom Sucesso das Armas, evocando e elogiando o Rei Felipe IV da Espanha. Quando chega a caravela anunciando a revolução libertadora e o novo rei, Vieira, certamente como todos os moradores e o vice-rei, fica confuso, mas adere sem titubeio à nova situação.

Em 1641, D. Fernando Mascarenhas, o Padre Antonio Vieira e o Padre Simão de Vasconcelos, são enviados a Lisboa a fim de jurar obediência ao novo rei português, pelo Marquês de Montalvão. Nesse mesmo ano quando da Invasão Holandesa de Salvador, Vieira refugiou-se no interior do Estado, onde iniciou a sua vocação missionária. Um ano depois tomou os votos de castidade, pobreza e obediência, abandonando o noviciado. Não partindo imediatamente para as missões, aprofundou seus estudos de Teologia, Lógica, Física, Metafísica, Matemática e Economia. Após a Restauração da Independência (1640). Em 1641, iniciou a carreira diplomática pois integrou a missão que veio a Portugal prestar

obediência ao novo monarca impondo-se pela força de sua retórica e personalidade.

Foi então nomeado pregador real. Seu primeiro sermão (“Sermão dos Bons Anos”), pregado em Lisboa, no dia 1º de Janeiro de 1642, foi um sucesso absoluto. A partir daí, a disputa de lugares na igreja se tornou corrente a expressão “mandar lançar madrugada em São Roque”, devido ao ineditismo dos temas, o arrojo da abordagem e a clareza de seus conceitos. Em 1646 foi enviado à Holanda, no ano seguinte à França, com encargos diplomáticos com o objetivo de negociar junto aos Países Baixos a devolução do Nordeste. Esse episódio deixará duas marcas em sua história: o epíteto de “Judas do Brasil”, por ter sugerido que Portugal entregasse a colônia em troca de capitânias na África e o contato com os primeiros judeus, cristãos-novos, de quem se tornará um defensor e por quem será condenado pela Inquisição posteriormente.

Suas idéias pró-judeus não agradaram muito às elites e ao povo português. Após alguns conflitos acabou voltando ao Brasil e entre 1652 e 1661, atuou como missionário no Maranhão e no Grão-Pará, passando então à defesa enérgica da liberdade dos índios. Com a morte de D. João IV, seu amigo e protetor, voltou tornando-se confessor da Regente, D. Luísa de Gusmão. Com a morte de D. Afonso VI, Vieira não encontrou mais apoio nas cortes lusitanas.

Seu último período de atuação pública foi marcado pelas idéias utópicas (as profecias sebásticas e o Quinto Império) que fez com que entrasse em um perigoso conflito com a Inquisição. Com base em uma de suas cartas dirigidas ao bispo do Japão, em 1659, na qual expunha sua teoria do Quinto Império, segundo a qual Portugal estaria predestinado a ser a cabeça de um grande império do futuro, foi acusado de heresia e obrigado a comparecer ao Tribunal da Santa Inquisição.

É então expulso de Lisboa, desterrado e encarcerado no Porto e depois encarcerado em Coimbra, enquanto os jesuítas perdiam seus privilégios. Como conseqüência de sua defesa da causa indígena foi quase linchado e expulso pelos colonos do Brasil em 1661. Em 1667 foi condenado a internamento e proibido de pregar, mas seis meses depois, a pena foi anulada. Após voltar de Roma em 1671 passou a combater a influência da Inquisição e a união com os cristãos-novos que estavam sofrendo perseguição, mas não conseguiu persuadir a corte dessa vez.

Desiludido com a política palaciana decidiu voltar outra vez para o Brasil, em 1681. Sua partida de Portugal foi acompanhada de grande júbilo, tendo sido realizado inclusive um “auto de fé” em sua homenagem em que um boneco vestido com os trajes jesuítas foi queimado com gritos de: “Vieira, vendido aos judeus e quiçá judeu também ele!”

Em 1688 foi nomeado, então com 80 anos, visitador da Companhia no Brasil, cargo que cumprirá com dificuldades e determinação até 1691. Já velho e doente sofrendo as conseqüências de um intensa militância e de vários anos no cárcere afasta-se da vida pública, dedicou-se à tarefa de continuar a escrever suas obras, visando a edição completa em 15 volumes dos seus Sermões, iniciada em 1679, e a conclusão da *Clavis Prophetarum*, obra que considerava a mais importante de sua carreira. Em 1694, após cair de uma escada, perde a capacidade de escrever de seu próprio punho e em 10 de junho começou sentir a chegada da morte. Em 18 de julho de 1697, perdeu a voz, silenciaram-se seus discursos. Morria Vieira aos 89 anos de idade. Eis a história do homem Antonio Vieira, padre jesuíta do século XVII.

Fonte:

Rodson Ricardo Souza do Nascimento: "O púlpito como cátedra: retórica e educação nos sermões do Pe. Antônio Vieira: 1608-1697". (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência para a obtenção do título de Doutor em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. José Willington Germano). Natal, 2007.